

## Liberdade e circunstância: A dialética da vida biográfica frente o drama da indeterminação ontológica

## Freedom and circumstance: The dialectic of biographical life in the face of the drama of ontological indeterminacy

Prof. Dr. Edson Ferreira da Costa  
Universidade Federal do Maranhão<sup>1</sup>

164

### RESUMO

O tema da liberdade em Ortega é central na compreensão do que ele vai definir como sendo a vida humana na sua dimensão histórica e biográfica. Partindo de uma concepção de vida como “*quehacer*”, é condição do humano exercitar a sua capacidade de escolha frente a indeterminação ontológica que marca a vida de todo e qualquer indivíduo. A tarefa de definir sua trajetória de vida passa pela ação livre do homem de escolher o que pretende projetivamente viver. Porém, essa dimensão projetiva encontra-se sempre dentro de um universo circunstancial que facilita ou dificulta o exercício da liberdade e impõe ao homem modos de ser que estão dentro de um universo histórico. Ao mesmo tempo que viver é ser livre para elaborar a sua história de vida, esse fazer vital não acontece fora da dimensão circunstancial, porque sendo com a circunstância, o viver implica em contar com ela em todo e qualquer modo de ser no mundo.

### PALAVRAS-CHAVE

Liberdade; circunstância; vida; biografia

### ABSTRACT

The theme of freedom in Ortega is central in the understanding of what he defines as human life in its historical and biographical dimension. It starts from a conception of life as a chore, it is the condition

---

<sup>1</sup> Email: [edsonferreiradacosta@gmail.com](mailto:edsonferreiradacosta@gmail.com) . Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6116-9550>

of the human to exercise his capacity for choice against the ontological indetermination that marks the life of every individual. The task of defining his life trajectory passes through the free action of man to choose what he intends to live. However, this projective dimension is within a circumstantial universe that facilitates or hinders the exercise of freedom, imposing on man modes of being that are within a historical universe. While living is to be free to elaborate on your life history, this vital doing does not happen outside of the circumstantial dimension, because being with the circumstance, living implies relying on it in every way of being in the world.

## KEYWORDS

Freedom; circumstance; life; biography

## INTRODUÇÃO

O conceito de vida enquanto biografia<sup>2</sup> em Ortega traz na sua gênese o conceito de liberdade no sentido de que o indivíduo enquanto responsável pelo fazer de si, lida diretamente com as limitações que o exercício da liberdade encontra ao considerar que a vida humana transita entre a criação e o criado.

Ortega desenvolve uma teoria da vida humana partindo da superação da ontologia clássica do ser ao trazer para dentro da reflexão humana a categoria do sendo. A vida como categoria central do seu pensamento se define ao longo de toda uma trajetória histórica que marca as vidas particulares. Porém, mesmo que a teoria da vida biográfica evidencia a individualidade humana, a dimensão histórica que marca o indivíduo faz com que a vida seja pensada desde a dimensão da coexistência. Existir para Ortega será sempre conviver com tudo que cerca as individualidades, e essa será a dimensão conflitiva no desafio de elaboração da vida pela via de um protagonismo pessoal e original.

## 1. A LIBERDADE COMO CATEGORIA ANTROPOLÓGICA

A vida como criação<sup>3</sup> pessoal somente é possível porque a liberdade faz parte da condição humana, sendo o homem livre para escolher e determinar como será sua vida. Essa ideia orteguiana está diretamente associada à de projeto vital, tendo como

---

<sup>2</sup> A vida como biografia marca toda a compreensão histórica de Ortega sobre a vida humana ao entender que o homem vive ao longo da sua trajetória de vida uma série de acontecimentos que vão definindo a sua história de vida.

<sup>3</sup> Ortega usa também o termo *empresa vital* para reforçar a ideia de atividade realizada pelo homem para superar a experiência humana de angústia e falta. Esse termo será bastante utilizado nos seus escritos, sempre relacionado à dimensão laboral do homem no comprometimento com a realização do seu projeto de existência.

principal argumento a capacidade criativa que implica sempre o exercício da liberdade humana frente às inúmeras possibilidades que são apresentadas ao ser humano. Para Ortega, o homem, queira ou não, é livre (cf. ORTEGA Y GASSET, 2008b, p. 39.), forçosamente ele necessita exercitar a sua liberdade, pois a vida implica sempre o fazer algo, e esse fazer pressupõe escolhas.

Em contraposição à ontologia tradicional (cf. ORTEGA Y GASSET, 2010b, p. 218).<sup>4</sup>, a ideia de liberdade reforça uma compreensão da vida humana como carente de uma identidade constitutiva e, por conseguinte, organizada em uma dimensão estritamente histórica. Paradoxalmente, o único ser fixo e estável na liberdade é a *inestabilidad* (cf. ORTEGA Y GASSET, 2010b, p. 39). Não há no homem um estado permanente capaz de dar uma definição definitiva de como será sua vida. O como será vai sendo elaborado ao longo da história de vida que implica escolher possibilidades para viver. Isso, para Ortega, resulta em elaborar uma ontologia não *eleática*<sup>5</sup>, pois o homem é uma “entidad infinitamente plástica” (ORTEGA Y GASSET, 2008b, p. 39).

A mudança não é algo accidental que depende de determinados fatores, ela é uma parte constitutiva da vida, sendo a vida “substancialmente” mudança (cf. ORTEGA Y GASSET, 2008b, p. 40). É dentro dessa dimensão de instabilidade da vida que podemos compreender a sua dimensão projetiva que vitalmente é o mesmo que uma pretensão de ser dentro de um programa de existência que tem como aspiração escapar da condição humana de indigente (cf. ORTEGA Y GASSET, O.C., v. IX, p. 539), que potencializa a dimensão da liberdade pela intenção de realizar um modo de existência, pois “[...] es el hombre la única realidad, la cual no consiste simplemente en ser sino que tiene que elegir su propio ser” (ORTEGA Y GASSET, 2010a, p. 51).

Pela liberdade de ser, o homem tem a possibilidade de irromper o peso da circunstância ao realizar ações que não estejam objetivamente associadas ao atendimento de uma determinação circunstancial. Entretanto, na circunstância, a vida é insegurança. Contudo, nos parece problemática, em Ortega, a afirmação de que a vida é circunstancial, pois, se assim o fosse, certamente estaria completamente voltada para a circunstância, e não é isso que percebemos no seu pensamento sobre a vida. O correto é o que ele faz em *Meditaciones del Quijote* (1914), definindo a vida não pelo “como”, mas pelo “com”<sup>6</sup>. O decidir por isto ou aquilo é o que marca o caráter da liberdade do homem, e a atualidade do mundo em que cada um vive sua vida é o que limita essa liberdade. Nesse caso, se é livre para escolher isto ou aquilo, esta ou aquela forma de vida.

---

<sup>4</sup> O conceito de *res* foi estabelecido pela ontologia tradicional; o termo vai sempre conjugado com o de natura, como sinônimo ou princípio.

<sup>5</sup> Da doutrina do ser como identidade (Cf. ORTEGA Y GASSET O.C., v. IX, p. 549).

<sup>6</sup> O tema da circunstância já apreça diretamente relacionado à temática da vida em Ortega desde 1914, quando ele vai definir, em *Meditaciones del Quijote*, o homem como sendo com sua circunstância. Essa dimensão relacional será a grande contribuição da perspectiva antropológica orteguiana por ir além do simples espaço físico geográfico em que cada indivíduo se encontra ao viver. Na definição “yo soy yo y mi circunstancia, y si no la salvo a ella no me salvo yo”, Ortega anuncia, intuitivamente, toda a chave da sua dimensão antropológica que aparecerá no conceito de vida nos seus escritos seguintes (Cf. ORTEGA Y GASSET, 2010c, p. 77).

Por ter que escolher sua maneira de ser no mundo, o homem “*es por fuerza, libre*” (ORTEGA Y GASSET, 2006, p. 30, grifo do autor). Viver é, portanto, sentir-se fatalmente forçado a exercitar a liberdade, pelo poder de decisão do que se pretende ser no mundo. Essa condição de liberdade presente no homem é considerada por Ortega como algo estupendo por oferecer a possibilidade de escolha do que se quer ser. Ao mesmo tempo em que a liberdade é um privilégio, é igualmente a atividade mais difícil para o homem, porque requer dele a responsabilidade sobre sua vida.

Isso significa que o homem tem, como ocupação fundamental, a necessidade de eleger para si o que ele quer ser. A cada instante, o homem tem de escolher o que fazer e o que ser, como uma necessidade própria da vida humana. É essa necessidade de escolher que imprime no homem a autenticidade da sua vida e o define enquanto humano. O imperativo da invenção é o imperativo autêntico da vida, e toda vida humana tem que inventar sua própria forma. Sem ela, a vida humana é falsificada.

É de Goethe que Ortega retira a ideia de vida como invenção de si mesmo, considerando a fantasia<sup>7</sup> como a faculdade projetiva do homem. Ontologicamente, Ortega associa o homem a um novelista por ter de inventar seu programa de existência, sempre, sem descanso (cf. ORTEGA Y GASSET, 2006, p. 31). Associada a um gênero literário, a vida não tem uma raiz biológica, mas se faz mediante o que o homem vai realizando ao longo de sua trajetória de vida. Essa ideia da invenção reafirma o pensamento de que a fantasia é a faculdade primordial do homem. Comparada a um gênero literário, a vida humana é resultado da invenção livre, sendo o homem um novelista de si mesmo e, enquanto tal, inventa sua própria vida.

Nessa ideia de vida como novela, Ortega aborda um outro elemento da literatura: o protagonista (cf. ORTEGA Y GASSET, 2008a, p. 15). Viver significa realizar a existência em primeira pessoa, e isso passa por um protagonismo individual, em que cada um é responsável, por sua conta e risco, por sua vida, não sendo possível transferir para terceiros essa atividade vital. O conceito de liberdade, em Ortega, insere-se em uma perspectiva criadora da vida humana como parte da constituição de si.

Além disso, no exercício da liberdade, o homem se depara com uma outra realidade que será central na perspectiva antropológica de Ortega, pois, ao mesmo tempo em que o homem é livre para fazer as suas escolhas, essa liberdade é limitada por um universo de possibilidades que favorecerá ou dificultará a sua ação no mundo.

---

<sup>7</sup> A fantasia é uma faculdade primordial para Ortega, porque, por meio dela, o homem tem a capacidade de projetar-se no mundo, criando realidades adequadas ao seu projeto de existência. Sem essa capacidade, o homem não teria como superar a escala zoológica, ficando preso às determinações circunstanciais. Essa capacidade está diretamente associada à dimensão da interioridade humana, a mesma que Ortega vai chamar de mundo interior, ensimesmamento ou reflexão, todas correspondem à mesma realidade que é o momento de contato do homem consigo mesmo, que possibilita a invenção de si e de tudo que seja favorável ao seu viver.

Isso é o que Ortega vai chamar de circunstância, a qual está diretamente relacionada à vida, porque a vida humana acontece em meio a uma multiplicidade de coisas que são indispensáveis para o viver.

## 2. A LIBERDADE CIRCUNSTANCIADA

O conceito de circunstância é um tema recorrente na obra de Ortega, sendo, portanto, indispensável abordá-lo na compreensão da vida enquanto dado imediato que consiste no diálogo dinâmico entre o eu e a circunstância, ideia que aparece primeiramente em *Meditaciones del Quijote* (1914) e segue sem sofrer mudanças em todos os seus escritos.

Quando Ortega fala de circunstância não está se referindo a um lugar determinado. Ele chama a atenção para tudo que o homem precisa para viver, tendo que lidar com o mundo sob pena de sucumbir, porque viver significa, na compreensão de Ortega, intimidade consigo e com as coisas. Isso não significa uma dependência unilateral, mas uma interdependência, uma correlação entre o *yo* e o mundo. Desse modo, existir passa a ser compreendido como coexistir. O ser estático é substituído pelo ser atuante: mundo e homem funcionando um com o outro. Essa relação não é compreendida por uma visão romanceada da vida, pois o fato de ser marcada por uma relação não exclui dessa relação ao conflito: “[...] una realidad que consiste en que un yo vea un mundo, lo piense, lo toque, lo ame o deteste, le entusiasme o le acongoje, lo transforme y aguante y sufra, es lo que desde siempre le llama ‘vivir’, ‘mi vida’, ‘nuestra vida’, la de cada cual” (ORTEGA Y GASSET, 2010b, p. 179).

Na sua filosofia da vida biográfica, Ortega define três expressões que estão diretamente relacionadas ao que ele pretende desenvolver: encontrar-se, mundo e ocupar-se (cf. ORTEGA Y GASSET, 2010b, p. 185.) Viver, para o homem, consiste em encontrar a si mesmo no mundo (cf. ORTEGA Y GASSET, 2010b, p. 186), tendo que ocupar-se com as coisas e com os seres do mundo, pois “[...] todo vivir es ocuparse con lo otro que no es uno mismo, todo vivir es convivir con una circunstancia” (ORTEGA Y GASSET, 2010b, p. 186), sendo isso uma atividade vital. E mais, para Ortega, a descoberta da vida requer a descoberta do mundo. É no mundo que o homem se descobre vivendo e tem de exercitar sua liberdade, sendo limitado pela determinação de ter de lidar com o mundo em que vive, não lhe sendo possível viver em um mundo que não seja aquele no qual se encontra.

Ortega vai atribuir outros termos para designar o que ele considera ser a circunstância como uma coisa que, diferentemente do sujeito, aparece como assunto (cf. ORTEGA Y GASSET, 2010a, p. 68).<sup>8</sup> com que o homem precisa lidar, pois está diretamente relacionada à vida humana. Para Ortega, homem e circunstância se integram em uma relação na qual “el dado radical e insofiscitable no es mi existencia, no es yo existo – sino que es mi coexistencia con el mundo” (ORTEGA Y GASSET,

---

<sup>8</sup> Significa o mesmo que temas que importam ao homem, e o tema de maior importância é a própria vida.

2010b, p. 170). Essa interação não é somente de natureza material, mas também idealizadora.

Circunstância, na literatura orteguiana, pode ser entendida também como mundo ou universo, ou seja, tudo quanto há na relação do homem com as coisas reais e fantásticas. Por isso, viver requer que o homem aceite sua inexorável circunstância. É incontestável que o homem vive em circunstância, mas também é fato que, sendo livre, pode modificá-la. Porém, como conteúdo do mundo que o homem encontra na sua vida, viver implica primeiramente lidar com essa realidade que a ele se impõe: pelo tempo cronológico; pela cultura, com suas normas e valores; pelos demais homens, com suas características e modos de vida; pelo corpo, com seus traços fisiológicos e psicológicos; pelo ideológico; e por tudo que o homem descobre como parte do seu viver.

É por essa razão que, na compreensão do humano, a categoria circunstância é tão relevante quanto a categoria vida, chegando Ortega a afirmar que o homem é metade o que é e metade o seu ambiente (Gasss. ORTEGA Y GASSET, 2010b, p. 40.), a tal ponto que a hostilidade do ambiente dificulta o desenvolvimento da personalidade<sup>9</sup> do indivíduo. Certamente, o uso da expressão metade é, em parte, exagero, especialmente porque, em *Historia como sistema* (1941), Ortega tece duras críticas a qualquer forma de compreensão positivista da vida. Motivo por que não tem como assegurar que a circunstância ocupe metade da vida do homem, mas sim que a vida abriga parte do ambiente em que cada um se encontra por sua limitação espaço temporal. Assim, “[...] vivir consiste en que el hombre está siempre en una circunstancia, que se encuentra de pronto y sub saber como sumergido, proyectado en un orbe o contorno incanjeable, en éste de ahora” (ORTEGA Y GASSET, 2008a, p. 27).

A experiência vital do homem em relação à circunstância dar-se-á pelo reconhecimento da vida como um problema. Ao deparar-se com o mundo, a experiência originária é de afrontamento do mundo externo com o mundo interno, ou da circunstância com a individualidade. Quando o homem se depara com o mundo, de imediato, lhe é dado um problema. Superar as limitações impostas pelo mundo para continuar vivendo é a primeira tarefa que desafia a vida humana, o privilégio que consiste no esforço de superar a insegurança da vida através de convicções sobre o mundo. Portanto, “vivir es reaccionar a la inseguridad radical construyendo la seguridad de un mundo; o con otras palabras, creyendo que el mundo es de este o del

---

<sup>9</sup> Na conferência ministrada sobre a realidade pessoal em 1924, intitulada “Vitalidad, alma, espirito”, Ortega distingue três esferas de personalidade: a alma carnal, parte da psique que vive fundida ao corpo pelo qual o somático, o psíquico, o corporal e o espiritual emanam e se nutrem; o espírito, que é a parte mais pessoal do indivíduo, sendo o conjunto de atos íntimos de que cada pessoa se sente verdadeiramente autor e protagonista, como a vontade e o pensamento; e a alma propriamente, a região considerada menos iluminada, a região dos sentimentos e emoções, dos desejos, dos impulsos e dos apetites. Esses três centros pessoais estão indissolavelmente articulados em cada vida humana, e o caráter da pessoa provém da combinação dos três elementos, tanto em quantidade quanto em ordem (Cf. BONILLA, 2002, p. 232).

otro modo, para en vista de ello dirigir nuestra vida, vivir” (ORTEGA Y GASSET, 2008a, p. 38). Ortega considera ser a cultura<sup>10</sup> o conteúdo que dá uma margem de segurança ao homem, que nela encontra alternativas que aliviam a insegurança e a inquietude do seu existir.

O reconhecimento da vida surge com o reconhecimento da circunstância, pois, segundo Ortega, a vida é, antes de tudo, um encontrar-se no mundo. Ao encontrar-se com o mundo vigente, o homem produz outros mundos, de acordo com o que encontra, partindo das convicções do seu tempo. O mundo é o que o homem faz material e mentalmente para assegurar a sua existência, sendo a vida o conjunto de fazeres, ações e comportamentos criados pelo homem. É o que se faz a cada instante e esse fazer não é, na perspectiva de Ortega, um fazer da consciência<sup>11</sup>, mas sim da própria vida, que requer que o homem a reconheça e a realize dentro de um campo de possibilidades. Com isso, a Filosofia, para Ortega, deve assumir a obrigação de ajudar o homem contemporâneo na definição e reflexão da vida pessoal, auxiliando-o com categorias que sejam capazes de possibilitar uma compreensão do seu cotidiano.

Ao mesmo tempo em que o homem encontra na circunstância uma margem de segurança para seguir vivendo, o contrário também acontece em sua relação com o universo das coisas. Na circunstância, o homem vivencia a experiência da desorientação, porque o mundo não é um reflexo do que muitas vezes se impõe a ele como forma de vida autêntica. No encontro com esse mundo que, a princípio, para Ortega, será o mundo imediato em que o homem encontra sem buscar, acontece o encontrar a si mesmo. Diferentemente da visão do idealismo, segundo a qual entende-se que, para chegar a consciência de si, é preciso abstrair as coisas (ORTEGA Y GASSET, 2010b, p. 382), viver, para Ortega, é encontrar-se entre as coisas, pois, na relação com elas, o ser humano sente a necessidade de conhecê-las além do imediato<sup>12</sup>. Disso nasce a ontologia/metafísica na perspectiva Orteguiana. O ser é originado nessa curiosidade própria do homem que busca, por meio do conhecimento, o “ser latente de las cosas” (cf. ORTEGA Y GASSET, O.C., v. VIII, p. 382).

---

<sup>10</sup> A cultura, para Ortega, terá dois sentidos: o primeiro como busca de sobrevivência em relação à experiência de desolamento ontológico em que o homem precisa fazer suas escolhas (Cf. ORTEGA Y GASSET, O.C., v. V, p.122); e o segundo que corresponde às escolhas que aparecem como soluções satisfatórias oriundas da interpretação humana do mundo e de si mesmo (Cf. ORTEGA Y GASSET, O.C., v. V, p. 258).

<sup>11</sup> Uma clara alusão ao seu posicionamento contrário ao primado da consciência que aparece tanto no idealismo como na fenomenologia. Isso porque, para Ortega, não é a consciência que inclui o sujeito no mundo, mas a vida. Com essa visão, ele acredita ter superado o idealismo (ORTEGA Y GASSET, 2010b, p. 195).

<sup>12</sup> A pergunta sobre o que é algo significa que o homem não se contenta com o mundo imediato, o qual não supõe um exercício mental. Quando a pergunta pelo ser das coisas entra no cenário humano, ela revela um ente descontente com o tipo de conhecimento que a pura relação entre ele e mundo proporciona, não parecendo este ser suficiente para a sua compreensão de mundo (Cf. ORTEGA Y GASSET, O.C., v. IV, p. 575). E mais, existe um fator vital no homem que o leva a questionar o mundo, porque a vida é interrogação (Cf. ORTEGA Y GASSET, 2010b, p. 235).

Nesse caso, reforça a ideia de que o homem é interação com o seu mundo circunstancial, o qual não aparece simplesmente como uma paisagem em que ele se coloca como espectador<sup>13</sup>, uma vez que é parte integrante da vida.

Nacemos juntos con él y son vitalmente persona y universo como esas parejas de divinidades de la antigua Grecia y Roma que nacían y vivían juntas. [Pues del mismo modo el hombre y su circunstancia forman y integran la vida, y el uno no es anterior al otro. Vivir es convivir en una circunstancia]. Vivimos aquí e ahora – es decir, que nos encontramos en un lugar del mundo y nos parece que hemos venido a este lugar libérrimamente. La vida, en efecto, deja un margen de posibilidades dentro del mundo pero no somos libres para estar o no en este mundo que es ella hora. Sólo cabe renunciar a la vida pero si se vive no cabe elegir el mundo en que es ella hora. Esto da a nuestra existencia un gesto terriblemente dramático (ORTEGA Y GASSET, O.C., v. VIII, p.503).

O mundo é o mundo vivido, é aquilo com que cada um se depara ao encontrar-se vivendo. Parte integrante do conjunto de interesses do homem, responsável por entusiasamá-lo ou oprimi-lo, o mundo é o que se faz presente, e a compreensão desse mundo e a sua definição, estão diretamente relacionadas ao que se faz com elas. O ser das coisas é *funcionante* (cf. ORTEGA Y GASSET, 2010b, p. 202), sua função consiste em *ser para* alguma coisa. O mundo, portanto, é umas das grandes ocupações da vida.

Ortega chega a falar de dois mundos: o mundo externo, que é o mundo das coisas; e o mundo interno, que é a experiência de vida que cada um compõe em sua subjetividade. O fato desses dois mundos serem distintos não significa que são incomunicáveis, na verdade, o diálogo entre ambos é a saída percebida por Ortega para superação do subjetivismo. Esses dois mundos se tocam através da vida. Por essa razão, não é possível pensar o *yo*<sup>14</sup> separado do mundo. A existência do *yo* está condicionada à existência do mundo, por isso Ortega considera falso o princípio cartesiano do *congiro sum*, do penso logo sou. Sendo assim, o ser se constitui na relação entre o homem e o mundo, e ambos resultam dessa relação. Tal perspectiva leva Ortega a considerar libertar-se da interpretação substancialista da vida ao entender o

---

<sup>13</sup> Significa dizer que o homem não é espectador, senão autor de sua existência, tendo que tomar decisões a todo momento (cf. ORTEGA Y GASSET, 2010b, p. 230).

<sup>14</sup> O *yo* é um conceito fundamental na filosofia orteguiana por marcar no seu pensamento a singularidade do indivíduo que, ao viver, vive em primeira pessoa. A vida é sentida e realizada sempre por um sujeito existente que pensa, sente, deseja e realiza sua vida. Ortega reconhece que esse termo tem suas ambiguidades na Filosofia por já ter sido exaustivamente trabalhado pela corrente racionalista e pela idealista, de modo particular por Descartes, Kant e Husserl. Se para Descartes, Kant e Husserl, o *yo* estava diretamente relacionado à consciência, para Ortega, o *yo* é a personalidade presente na vida de cada um. Para Marías (1967, p. 408), o *yo* é a totalidade da pessoa, e a circunstância compreende a “outra metade”.

yo e o mundo em uma dimensão relacional na qual o homem vive no mundo e com ele se ocupa.

Ortega considera que essa dimensão do coexistir, que está presente na vida, possibilita o surgimento de uma nova ontologia, a ontologia da coexistência, que tem como fundamento o puro acontecimento. O homem é o que lhe acontece e o que lhe acontece não está determinado, não está pronto, nem é algo já dado, mas sim uma conquista que ocorre na relação entre o homem e o mundo. Para Ortega, tudo que há no homem, o que ele faz e o que lhe passa, ocorre no centro da sua vida, de modo que a vida é o centro da história humana, pois é nela que tudo acontece. Existir para o homem significa *ex-istere*, que “[...] es estar fuera de sí, es tener que ser en un elemento distinto de mí mismo, ajeno a mí, que no me acepta sin más, que no coincide sin más conmigo, con mis ideas, con mis querer, con mis deseos. Este elemento en el cual tiene que existir el hombre es la circunstancia” (ORTEGA Y GASSET, O.C., v. IX, p.532).

A vida em circunstância, portanto, relaciona “[...] fatalidad y libertad, es ser libre dentro de una fatalidad. Esta fatalidad nos ofrece un repertorio de posibilidades determinado, inexorable, es decir, nos ofrece diferentes destinos” (ORTEGA Y GASSET, 2010b, p. 206). Pela liberdade, o homem se livra de uma possível determinação circunstancial, mas segue no mundo com limitadas possibilidades, ou seja, “[...] la vida es, a la par, fatalidad y libertad, es posibilidad limitada pero posibilidad, por tanto, abierta [...]” (ORTEGA Y GASSET, 2010b, p.206). Em síntese, a vida transita entre essas duas dimensões: a fatalidade e a liberdade, e o que temos de história de vida implica sempre o que cada um faz diante dessas duas realidades que se impõem.

172

### 3. A LIBERDADE COMO FAZER

A vida humana assume uma dimensão *profética*<sup>15</sup>, em certo sentido, pois pode antecipar o futuro através de um projeto de existência. Não que o homem tenha o dom de saber o que acontecerá futuramente, mas é possível construir um saber a partir da necessidade de direcionar o sentido da sua existência “futurista”(Cf. ORTEGA Y GASSET, 2008a, p. 175-176). A cada instante se abrem, frente ao homem, várias possibilidades, de modo que é preciso antecipar a direção ou o sentido de sua existência através de um programa de vida<sup>16</sup>. Assim acontece, porque a vida é projeto e, enquanto tal,

---

<sup>15</sup> Em nota, Ortega adverte que não segue o método do profetismo histórico de Spengler, pois defende a ideia de que o profetismo só é possível dentro de uma vida e não fora dela (cf. ORTEGA Y GASSET, 2006, p. 87).

<sup>16</sup> Equivale a projeto vital e programa de existência. Através da categoria de projeto, Ortega busca destacar a dimensão ontológica do homem enquanto criador de modos de ser, mas essa criação, de certa forma, atende a uma necessidade interior de realização dentro de um determinado modo de ser autêntico. Porém, percebemos que nem sempre a condução da vida atende a esse apelo interior.

[...] se anticipa a sí misma, constantemente y esencialmente. Vida es anticipación. Cuando de pronto despierto vitalmente y caigo en la cuenta de que vivo, me encuentro ya, desde luego, obligado a realizar en el mundo el personaje que soy por anticipado. Y todo lo que hago, es decir, mi presente, lo hago para realizar ese proyecto que soy. Vivir es proyectarse, en doble sentido de la palabra, a saber, como programa y como proyección de ese programa sobre el mundo. Yo soy, ante todo, un cierto programa vital. (ORTEGA Y GASSET, O.C., v. VIII, p. 435).

Imaginariamente, o homem constrói a si mesmo como uma espécie de novela através de suas personagens. Essa ideia de novelista (Cf. ORTEGA Y GASSET, 2008a, p. 176) é um ponto fundamental no pensamento de Ortega, pois, por meio dessa analogia, o filósofo reforça a dimensão projetiva da vida como uma atividade vital que não pode ficar restrita a um simples mecanismo cognitivo. O pensar aparece então como a necessidade humana de elaborar a própria vida e, ao mesmo tempo, como a capacidade de realizar suas escolhas. Ao optar pela existência, o homem faz uso da imaginação, faculdade que o torna capaz de criar realidades. O imaginar antecede a ação humana pela capacidade prévia de criar realidades que possibilitem um modo de ser do homem, sendo o ser “pura posibilidad imaginaria” (ORTEGA Y GASSET, 1965, p. 44).

Isso significa que o homem é um ser capaz de se projetar, de elaborar formas de vida para si. Essa capacidade humana significa que o homem pode pensar, prever e construir, segundo o arbítrio pessoal de sua trajetória de vida. Contudo, nessa dimensão projetiva, existe algo que não está restrito ao campo do conhecimento, pois aquilo que o homem é resulta da realização de um tipo de ser que muitas vezes a ele se apresenta. Ortega afirma que o projeto não é algo transcendente, tampouco intelectualmente conhecido. O projeto de ser a si mesmo é, na visão de Ortega, o autêntico modo de ser do indivíduo, porque a existência de uma pessoa tem dois componentes: a vida como projeto e a vida como efetiva realização (Cf. ORTEGA Y GASSET, O.C., v. VIII, p. 437). Como projeto, ela é possibilidade e, enquanto tal, compõe a realidade do vivente por ser o seu modo de ser, e não mero pensamento. A vida autêntica é a realização desse modo de ser que se apresenta como projeto, ou seja, como possibilidade de realização.

No entanto, o que Ortega vai chamar de projeto vital não corresponde à escolha deliberada da vontade de um construto puramente subjetivo. O projeto corresponde ao plano de existência, pois assegura ao homem a possibilidade de sentir-se ou não realizado em suas escolhas. Essa realização é acompanhada do encontro da vontade com o que aparece ao homem como sendo seu verdadeiro projeto de existência, a sua vocação.

Marías (1971, p. 130) considera a vocação como o outro elemento, além da circunstância, que extrapola o campo da liberdade humana, pois a vocação se

apresenta como uma forma de vida ideal que pode ou não ser vivida por cada indivíduo. Aceitar o seu destino ou vocação é o tema central na compreensão de uma vida marcada pela autenticidade.

O conceito de vocação está diretamente relacionado à dimensão projetiva do homem enquanto possibilidade de realizar-se no seu modo de ser autêntico. Significa dizer que cada indivíduo é um determinado projeto de existência que se apresenta ao homem como uma necessidade para a sua realização (Cf. ORTEGA Y GASSET, O.C., v. VIII, p. 438). Todos os indivíduos são chamados a ser de um determinado modo em todas as dimensões que tocam a sua vida. Assim, o homem não se realiza somente no desempenho de um determinado ofício, pois este é apenas um aspecto do viver. Portanto, temos que

la vocación, en suma, anticipa toda una vida con todos sus lados, facetas y dimensiones, sólo no anticipa, claro está, lo que procede la circunstancia. Anticipa íntegramente el que tengo que ser, pero no anticipa el que luego en choque con la circunstancia, sino precisamente lo otro que ella. Por eso, toda vida es trágica en su esencia: porque es contradicción, porque es tener que realizar la vocación que soy yo en el mundo, en el contra-yo (ORTEGA Y GASSET, O.C., v. VIII, p. 439).

174

Ortega ainda acrescenta que a vocação é um chamamento pessoal<sup>17</sup>, pois ela implica o chamado à realização do que atende ao pessoal enquanto construção de um modo de ser que corresponde a uma identificação do projeto com o indivíduo. A capacidade que o homem tem de criar a si e a realidade é o que lhe possibilita assumir o papel de protagonista de sua história, sendo que sua escolha será autêntica se atender a esse chamado ontológico. Para Ortega, essa escolha parece ter um caráter misterioso ao considerar que entre os programas de vida possíveis uma voz “[...] nos llama a elegir uno de ellos y excluir los demás” (ORTEGA Y GASSET, 2008a, p. 176). Essa voz que chama o homem para o seu autêntico ser compreende

[...] no sólo para la filosofía sino, por ejemplo, también para pasear por el campo, para gozar con las comidas delicadas, para charlar con los amigos, y no con cualesquiera, sino con los que tengan condiciones determinadísimas; y lo mismo soy vocación para enamorarme de una mujer que no es cualquiera, sino de cualidades muy precisas, tanto que acaso no existe (ORTEGA Y GASSET, O.C., v. VIII, p. 439).

Viver com base na vocação é deixar-se conduzir por essa voz interior que “grita”<sup>18</sup> diante das escolhas individuais. Essa ideia de grito leva a uma compreensão

<sup>17</sup> Ortega fala de um chamado a ser um ente individualíssimo e único. Toda vocação é um chamado para ser a si mesmo (cf. ORTEGA Y GASSET, O.C., v. VIII, p. 439).

<sup>18</sup> Diante da recusa de uma escolha correta, é clara a manifestação do que seria a autêntica decisão. Quando se quer que dois sejam cinco, a voz interior grita que esse pensar não é autêntico (cf. ORTEGA Y GASSET, 2008a, p. 178).

da vocação como algo que, enquanto presença, se coloca independente do desejo, ainda que ela signifique aquilo que de melhor pode existir no campo das escolhas individuais, sendo uma referência capaz de conduzir o homem para uma trajetória de vida autêntica.

No entanto, essa voz é obscurecida pelas paixões e pelos apetites que estão muito mais presentes ao longo da vida. Ortega entende que o ensimesmamento ou exercício de uma vida interior é o caminho para se descobrir a vocação, evitando que as obscuridades das paixões impeçam o homem de escolher a si mesmo (Cf. ORTEGA Y GASSET, 2008a, p. 179).

Diferentemente da circunstância, que imprime determinação de forma impositiva à vida humana, a vocação, mesmo sendo uma forma de chamamento, é uma proposta que se apresenta na vida individual e depende de cada um segui-la ou não. A vocação “[...] no me es impuesta, sino propuesta, y aunque no está en mi mano tener o no tener esa vocación, quedo frente a ella en una esencial libertad: puedo o no, serle fiel o infiel” (MARÍAS, 1983, p. 24). González (2001) julga que a missão do ser humano consiste em atender a essa voz, ainda que seja sempre livre para realizar ou não a trajetória<sup>19</sup> efetiva da sua vida.

Ortega se apropria da biografia de Goethe para desenvolver um pouco mais essa sua compreensão do conceito de vocação. *Goethe desde dentro* (1932) não se trata de uma biografia de natureza psicológica, mas de uma narrativa que destaca as impressões que a vida do poeta alemão deixara em Ortega, desenvolvendo como tema norteador a vocação. Algumas características marcam tanto o homem que vive de forma autêntica como aquele que nega seu destino. Destino, vocação e autenticidade parecem se confundir nessa obra, ao insistir em um modo de vida que reflita a conexão entre a vida interior e a relação com o mundo. O homem que vive da sua vocação, vive mais leve do peso da existência, enquanto aquele que nega essa vivência interior encara a vida com fadiga em tudo o que faz.

Associada à temática da vocação, Ortega fala de outra categoria: o destino. Cada indivíduo encontra na vida um lugar a partir do qual reconhece a sua autenticidade. No entanto, a vida não deixa de ser falta e, por isso, mesmo aquilo que aparece ao homem como lhe sendo autêntico de viver não exclui dele a liberdade de deixar-se conduzir pelo que não seja o seu destino. Ser conduzido pelo destino é, para Ortega, viver na sinceridade por atender ao que existe de mais autêntico no homem: a sua vida pessoal.

No entanto, o comum nas pessoas é a insinceridade, deixando-se levar pelas circunstâncias. Essa não passa despercebida pelo indivíduo, pois, ao sair do seu lugar cardinal, lhe é enviada uma mensagem à consciência (Cf. ORTEGA Y GASSET, O.C.,

---

<sup>19</sup> Este tema é mais desenvolvido por Marías, que dedica até mesmo um título de sua obra a ele. Para esse estudioso, cada vida pertence a uma pluralidade de trajetórias, com desiguais graus de realização (cf. MARÍAS, 1983, p. 23-28).

v. IV, p. 297). Ortega propõe um exercício que permite ver quem é a si mesmo. Colocar-se imaginariamente em uma circunstância diversa e notar qual delas parece anular, aniquilar o seu eu (Cf. ORTEGA Y GASSET, O.C., v. VIII, p. 436). Por isso, a circunstância é o parâmetro para identificar o autêntico modo de ser de um indivíduo.

A vocação é uma esfera que atua além da vontade pessoal, que se apresenta sempre como possibilidade de um modo de ser que marca um certo comportamento no mundo, uma certa figura ou linha de existência. Por isso, para Ortega, toda vocação é intramundana, pois é um chamamento a ser de uma determinada maneira no mundo.

No tema da vocação, é necessário fazer uma relação direta com a dimensão projetiva, mas, ao mesmo tempo, com o mundo de significações que marca as escolhas humanas em todas as suas dimensões. Ortega vai falar de um chamamento para um modo de ser (Cf. ORTEGA Y GASSET, O.C., v. VIII, p. 437), e a atenção a esse modo de ser assegura uma vida autêntica. Para ele, a vocação não significa o que o homem é, mas o que ele deve ser. Por isso, ela está diretamente relacionada ao exercício da liberdade, pois escolher o que atende ao sentido da sua existência é sempre uma possibilidade que não é necessariamente escolhida pelo homem. Ao ser livre, ele pode não atender à sua voz interior, substituindo o seu autêntico ser por uma falsa trajetória de vida, não vivendo a partir do seu verdadeiro si mesmo.

Deparamo-nos aqui com uma dificuldade, pois, ao mesmo tempo em que o homem necessita da fidelidade a si mesmo, orientando-se por seu projeto de existência, não é tão claro o limite da liberdade do homem e da sua autonomia de fazer suas escolhas, até mesmo de escolher a si mesmo, visto que esse si mesmo não existe totalmente, mas se apresenta ao longo da sua história de vida ao ter de realizar seu modo de ser.

O homem pela sua capacidade racional carrega em si a possibilidade de viver de modo autêntico, atendendo ao que, de fato, é seu verdadeiro si mesmo. No entanto, vivendo, encontra no mundo coisas que podem levá-lo à falsificação<sup>20</sup>, ou seja, viver de acordo com o coletivo, esquecendo-se de seguir o seu destino pessoal. A cultura apresenta uma dessas dimensões presentes na vida humana, pois, ao mesmo tempo em que ela representa o momento de autenticidade do homem pelo seu poder de criação e adaptação da realidade ao mundo interior, Ortega vai afirmar que, aos poucos, a cultura perde sua dimensão de autenticidade ao conduzir o homem a um processo de socialização em que ele apenas reproduz o que foi pensado, criado e vivido significativamente por outros homens. A questão não são as coisas em si, mas o distanciamento do homem de si mesmo através das coisas.

O fenômeno da socialização implica uma falsificação da vida humana (ORTEGA Y GASSET, O.C., v. V, p. 259), pois sendo a vida um acontecimento pessoal, ao cair no coletivo, o homem passa a ser conduzido por outros. Os conceitos de *homem-masa* e *la*

---

<sup>20</sup> Fundamentos da falsificação da vida: não aceitamos em todo o rigor e com clareza as circunstâncias que nos rodeiam; vivemos em circunstâncias imaginárias; e oprimimos o destino com a construção de um programa vital que não é sincero, não é autenticamente nosso, não é nossa vocação (cf. ORTEGA Y GASSET, O.C., v. VIII, p. 510).

*gente*<sup>21</sup> são as grandes representações da falsificação da vida humana, ou seja, todos e, ao mesmo tempo, ninguém determinado (Cf. ORTEGA Y GASSET, 2010a, p. 17). O exemplo dado por Ortega são os *hechos sociales*<sup>22</sup> que, sendo constitutivos dos usos, obrigam os indivíduos a reproduzirem determinados comportamentos na convivência com outros indivíduos por uma imposição cuja autoria, se interrogado, o sujeito que reproduz não é capaz de identificar. Esse não é, para Ortega, um comportamento humano, mas aparece na relação dos homens entre si, pois o social surge no espaço da convivência, no encontro de vidas individuais. Essa convivência tem como fatos a companhia e a comunicação, as quais marcam o mundo das relações interindividuais. Nesse sentido, a questão que sustenta a crítica sociológica de Ortega é: quem é o sujeito desses fatos? Quando Ortega usa o termo sujeito, ele está referindo-se à dimensão da autoria dos fatos. Se o humano é tudo que o homem cria dentro da sua dimensão pessoal através do exercício da liberdade, o que escapa ao individual entra, para Ortega, no espaço da circunstância que, por sua vez, é alteração.

O grave problema identificado na leitura sociológica de Ortega é a perda da autenticidade humana pelo aprisionamento no mundo que o próprio homem se encarrega de criar. No entanto, a vida é sempre marcada pelo conflito entre o pessoal e o coletivo, o eu e a circunstância, a liberdade e a determinação, porque, diferentemente de Deus, para quem tudo é conhecido, para o homem, o mundo é estranho pelo desconhecimento que ele tem das coisas, sendo-lhe possível somente formas de aproximação entre essas duas realidades que se integram no cenário da vida: homem e circunstância.

## REFERÊNCIAS

- ORTEGA Y GASSET, J., *Obras Completas*, Taurus: Barcelona, 2009, Tomo. IX.  
\_\_\_\_\_. *Obras Completas*, Taurus: Barcelona, 2010, Tomos. IV, V, VIII.  
\_\_\_\_\_. *Meditación de la técnica*. Espasa-Calpe: Madrid, 1965.  
\_\_\_\_\_. *El tema de nuestro tiempo*. Madrid: Revista de Occidente, 2006.  
\_\_\_\_\_. *Ideas e creencias: y otros ensayos de filosofía*. Madrid: Revista de Occidente, 2007.

---

<sup>21</sup> Ambos os conceitos representam um tipo de homem que perde a sua individualidade e deixa-se guiar por fatores que inibem a sua consciência de pessoalidade e sua capacidade de escolher seu modo de vida em sinceridade com um projeto de existência pessoal. Em *El hombre y la gente* (1939), Ortega tece uma crítica ao processo de socialização que afasta o homem da sua dimensão solitária através da assimilação do coletivo, ocasionando a perda do protagonismo individual. O mesmo ocorre na crítica que Ortega já havia feito em *Rebelión de las masas* (1930) com a figura do “mocinho satisfeito”, que vive adaptado ao presente, acomodado e seguro de si, desprovido da consciência do esforço das gerações anteriores para obter as conquistas pessoais e coletivas.

<sup>22</sup> Formas de comportamento humano que o indivíduo cumpre porque, de uma maneira ou de outra, em uma ou outra medida, não têm remédio, são impostas na convivência pela sociedade. Um dos seus efeitos no indivíduo é automatizar parte de sua conduta pessoal (cf. ORTEGA Y GASSET, 2010a, p. 16).

- \_\_\_\_\_. *En torno a Galileo*. Madrid: Revista de Occidente, 2008a.
- \_\_\_\_\_. *Historia como sistema y otros ensayos de filosofía*. Madrid: Revista de Occidente, 2008b.
- \_\_\_\_\_. *El hombre y la gente*. Madrid: Revista de Occidente, 2010a.
- \_\_\_\_\_. *¿Qué es filosofía?* Madrid: Revista de Occidente, 2010b.
- \_\_\_\_\_. *Meditaciones del Quijote*. Ediciones Catedra: Madrid, 2010c.
- BONILLA, J. Z., *Ortega y Gasset*. Plaza Janes: Barcelona, 2002.
- MARÍAS, J., *Ortega: las trayectorias*, Madrid, Alianza Editorial, 1983.
- \_\_\_\_\_. *El alción Julián Marías acerca de Ortega*. Revista de Occidente: Madrid, 1971.
- GONZÁLEZ, L. J. F. *A gratuidade na ética de Ortega y Gasset*. São Paulo: ANNABLUME, 2001.

Submetido: 24 de março de 2020

Aceito: 13 de abril de 2020